
ENUNCIÇÃO

REVISTA DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFRRJ

Algumas palavras sobre a investigação heideggeriana

Tito Marques Palmeiro*

Resumo: Estudaremos a investigação heideggeriana procurando mostrar o papel central nela desempenhado pela questão da medida do habitar humano. Nosso estudo terá como marcos principais os cursos sobre Hölderlin que discutem de maneira mais aprofundada o poema “No azul adorável”, que introduz essa questão no início de sua segunda estrofe: o curso de 1934-1935, sobre a “Germânia” e “O Reno”, e o de 1942, sobre “O Ister”. Veremos que o encontro de Heidegger com essa questão determinará uma mudança decisiva no sentido de sua investigação.
Palavras-chave: Heidegger, medida, contexto, nós.

Résumé : Nous étudions le sens de la recherche heideggerienne afin d’y déceler le rôle joué par la question de la mesure de l’habitation humaine. Notre étude aura pour balises les deux cours sur Hölderlin qui s’approfondissent le plus dans le poème “En bleu adorable”, qui introduit cette question au début de son deuxième strophe: le cours de 1934-1935, sur la “Germanie” et “Le Rein”, et celui de 1942, sur “L’Ister”. Nous cherchons à montrer que la rencontre de Heidegger avec cette question est responsable pour un changement décisif dans le sens de son investigation.

Mots-clés: Heidegger, mesure, contexte, nous.

Uma estranha questão pontua a obra de Heidegger: a questão da medida do habitar humano. Sua presença é em grande parte indireta porque se dá, sobretudo, através de propostas, ricas e inesperadas, falando do conhecimento e de suas medidas, da medida do sagrado e da desmesura da dominação da técnica, do papel da poesia em nosso habitar ou ainda de outros temas e problemas associados. No entanto, a nos concentrarmos nos caminhos que se abrem a partir da medida do habitar humano, perde-se de vista seu caráter de questão. Isso é realmente problemático porque nela se concentra muito daquilo a que associamos o nome “Heidegger”. Seu papel central para a investigação heideggeriana antecede sua formulação explícita, que ocorrerá mais de

* Professor adjunto do departamento de filosofia da UERJ.

duas décadas após os primeiros cursos de Friburgo. Esse estranho estado de coisas se refletirá neste estudo, pois ele não procurará “provas materiais” para estabelecer o sentido dessa questão, ligadas ao modo como ela teria sido tratada em tais ou tais textos, escritos em tais ou tais datas. *Textos* e *datas* fornecem testemunhos de como uma questão teria sido discutida por um autor, assim como de sua evolução na obra, mas não permitem compreender aquilo que estudaremos nas próximas páginas, e que são os *motivos* em jogo na investigação, nem sempre ditos.

Nosso intuito é nos aproximarmos da investigação heideggeriana sem esgotar a diversidade de caminhos pelos quais ela se fez. Essa aproximação se manterá a uma relativa distância para guardar aquilo que lhe é próprio. Por esse motivo, não procuraremos resumi-la em uma fórmula definitiva, mas dizer apenas três palavrinhas a seu respeito. Palavras que, à distância, desenham seus contornos gerais. Ora, estabelecer limites (*péras*) ou demarcar (*horizein*) é parte essencial da tarefa da filosofia desde os esforços decisivos de Platão e Aristóteles em sua busca por definições (*horismós*), mas nosso estudo seguirá apenas nos motivos pelos quais a investigação heideggeriana se desenvolve, e que remontam a três palavras, *contexto*, *medida* e *nós*. Temos aqui apenas palavras, meras palavras, palavras nuas, simples letras e sons que não chegam a formar uma frase ou algo que prometa uma compreensão, mesmo que parcial. No entanto, como veremos nas páginas que se seguem, elas permitirão que acompanhem uma pequena parte do movimento da investigação heideggeriana.

1. O estabelecimento da investigação heideggeriana

Começamos a nos aproximar da investigação se levarmos em conta uma questão com a qual ela repetidamente se defronta no seu início: a da *possibilidade da filosofia*¹. Esta questão é estudada em cursos que tratam dos mais diversos temas, indo da obra de Aristóteles à vida religiosa, e a discussão desses temas se dá como um exercício das possibilidades da filosofia. Heidegger não estuda assim a filosofia como um especialista que, de maneira calma e distanciada, estabelecesse seu rol de características, suas noções fundamentais e problemas perenes, pois o que se encontra em jogo são as

¹ O curso de 1919, *Para a determinação da filosofia* (GA 56 e 57), é inteiramente dedicado à questão da filosofia, mas ela é também discutida em cursos iniciais, como nos de 1920, *Fenomenologia da intuição e da expressão* (GA 59) e *Filosofia da vida religiosa* (GA 60), e naquele de 1921, *Interpretações fenomenológicas de Aristóteles* (GA 61).

possibilidades que ela abre para o desenvolvimento de sua própria investigação. Ele também não toma a filosofia como a depositária de valores tradicionais porque considera que ela não se situe à parte das mutações radicais que afetam o mundo: é nela, aliás, que se deve procurar compreender a possibilidade de toda radicalidade, já que a investigação filosófica é aquela que vai à raiz dos problemas. Para compreender os problemas efetivamente, em sua radicalidade, não é suficiente desenvolver um discurso conceitual como nos grandes momentos de nossa tradição, mas deve-se repensar o esforço filosófico tradicional de formação de conceitos. Conceitos não pairam em um céu de ideias, mas se encontram intimamente relacionados com as experiências que os originaram. Por este motivo, a filosofia não deve se dirigir ao que procura investigar pensando-o sob a forma de um *ob-jectum*, uma representação isolada e colocada diante do intelecto, pois não se compreende um problema radicalmente ignorando o contexto a partir do qual ele se dá. Com essa referência ao *contexto*, surge a primeira palavra que contribui para o contorno da investigação heideggeriana: é ela que nomeia sua motivação central enquanto investigação fenomenológica.

No curso *Problemas fundamentais da Fenomenologia* (GA 58), de 1919-1920, Heidegger fará uma importante observação acerca do contexto. Ao invés de considerar que nada se possa dizer a seu respeito — porque a investigação apenas poderia tratar de *ob-jetos* bem definidos, recortados, isolados do vago contexto que os envolve —, ele mostrará que a questão da possibilidade da filosofia requer que precisemos o sentido do contexto.

O domínio de emergência não nos é dado. Não aprendemos nada a seu respeito a partir da “vida prática”. Ele é distante de nós, e devemos aproximá-lo de nós metodicamente. Assim: 1) O domínio de emergência, o domínio de objetos da filosofia não se encontra dado na “vida em si”. 2) Ele apenas pode ser alcançado por um método científico. (...) O domínio de emergência essencialmente não é dado na vida em si. Ele deve ser apreendido sempre de novo. Daí as sempre novas tendências “radicais” da filosofia ao longo de sua história².

²*Grundprobleme der Phänomenologie* (GA 58), p. 203: “Das Ursprungsgebiet ist uns nicht gegeben. Wir wissen nichts von ihm aus dem ‘praktischen Leben’. Es ist uns fern, wir müssen es uns methodisch näher bringen. Also: 1) Das Ursprungsgebiet, das Gegenstandsgebiet der Phänomenologie ist im “Leben an sich” nicht gegeben. 2) Es ist nur durch wissenschaftliche Methode zu erreichen. (...) Das Ursprungsgebiet ist wesensmäßig nie gegeben im Leben an sich. Es muß immer von Neuem erfaßt werden. Daher die immer neuen ‘radikalen’ Tendenzen in der Philosophie im Laufe ihrer Geschichte”.

O contexto é chamado por Heidegger de “domínio de emergência” por ser *motivador* para a investigação, não sendo, portanto, inacessível. Por motivar a investigação, o contexto é o lugar em que sua radicalidade se radica. Radicalidade esta que é tão mais decisiva por escapar àquilo que é imediatamente próximo, frequente e comum. Tal é o caso do que Heidegger chama de “vida prática”, na qual nos encontramos na maior parte do tempo, presos em ocupações. O sentido derivado desse imediato se torna mais claro na expressão “vida em si”, que tanto exprime o caráter irrecusável e imediato da vida, que nos envolve e concerne a todos, quanto a obscuridade do que é fechado no “em si”. Assim se pode dizer que o *contexto* se diz de duas maneiras, pois é tanto o *contexto imediato* da vida, no qual surgem os problemas a serem investigados, quanto o *contexto originário*, que concerne a radicalidade da investigação. Enquanto vizinhança imediata, ele constitui seu ponto de partida, com os fenômenos a serem interrogados; mas, para efetivamente interrogá-los, a investigação deve se dirigir ao contexto enquanto um “domínio de emergência”. Ora, nenhuma dedução permite passar do dado imediato à radicalidade do originário, e todo o problema da investigação filosófica reside nessa passagem. O importante a ser sublinhado nesse breve trecho é que ele indica a necessidade de assegurar algo paradoxal: que, partindo do contexto inicial, a investigação deve assegurar o acesso a um contexto originário que jamais pode vir a ser definitivamente apreendido, pois com isso ele se transformaria em um simples dado. Assim, Heidegger explicitará o *problema produtivo* que o contexto coloca para a investigação filosófica ao afirmar que ele, enquanto originário, deve ser apreendido sempre de novo (“*immer von Neuen erfasst werden*”)³. A investigação é movida por um contexto que sempre lhe escapa, mas ao qual deve continuamente se dirigir.

Além do *contexto*, uma segunda palavra nomeia uma importante motivação da investigação: *nós*. Isso ocorre porque investigar não é um meio provisório para mapear o campo do conhecimento; um mero instrumento que, idealmente, seria descartado quando completada a tarefa de mapear o campo do conhecimento. A investigação não é um procedimento sem peso, fundada na fantasmagoria do observador imparcial do conhecimento, um observador sem qualidades, história ou pluralidade. O contexto *nos diz respeito*, o que significa que a investigação, também. Ora, como então se poderia precisar o sentido desse “nós”? Não se trata de dar, de imediato, uma resposta a essa

³*Ibid*, p. 203.

questão, pois a investigação heideggeriana não surgiu pronta, como se tivesse, desde o início, uma posição fechada a respeito dos temas que a motivam – pois, se fosse realmente este o caso, eles não poderiam motivá-la. A palavra “nós” é um motivo que, inicialmente, opera em sua recusa da subjetividade moderna, e explica a necessidade de repensar nossa situação (*facticidade*) e nossa relação com os outros (*ser-com*).

Os motivos anteriores se encontrarão associados na terceira e última palavra anunciada: a *medida*. Ela não constitui um padrão abstrato ao qual estariam submetidos mecanicamente “nós” e “contexto”, mas indica o modo pelo qual a investigação filosófica deve se dirigir ao contexto. Ela deve dar continuidade à nossa relação cotidiana com o contexto imediato, no qual compreendemos e medimos os fenômenos. É por esse motivo que Heidegger dirá em seu curso de 1924-1925 sobre *O Sofista de Platão* que:

metrein, medir [*messen*], determinar [*bestimmen*] é o modo pelo qual o *Dasein* torna algo compreensível [*verständlich*] para si⁴.

Essa afirmação não associa o medir ao humanismo solipsista, abertamente reivindicado na repetida expressão “O Homem é a medida de todas as coisas”⁵, porque não somos proprietários da medida pela qual medimos o que aparece. Nós apenas correspondemos ao caráter diretivo (*leitend*) do contexto. Investigar é procurar corresponder à medida do contexto. Por esse motivo, a medida não surgirá como uma questão autônoma, mas constitui apenas uma adjetivação. Ela exprime, então, apenas o modo *apropriado* (“*angemessen*”, de medir, “*messen*”) pelo qual nosso comportamento já sempre se encontra acordado ao contexto, modo que deve ser mantido quando do desenvolvimento da investigação filosófica.

2. Questionar é tomar uma medida

Uma importante transformação no contorno da investigação heideggeriana ocorrerá quando essas palavras serão explicitamente questionadas em textos das décadas de 1930-1940. Nos primeiros cursos, a medida exprimia apenas a necessidade de a

⁴Platon: *Sophistes* (GA 19), p. 87.

⁵Essa forma corrente de citar o dito de Protágoras procura mostrar as raízes gregas do humanismo, mas, como Heidegger notou em seu *Nietzsche*, nela se omite sua parte final, que evidencia que o medir humano se dá por relação *ao que é ou não é*.

investigação encontrar o método de acesso apropriado ao contexto, mas isso se alterará ao longo da década de 1930 quando surgirá como uma questão por si só. O primeiro gesto que anuncia essa transformação ocorre no curso de 1931-1932, *Da essência da verdade. Sobre a “Alegoria da Caverna” e o Teeteto de Platão*. Em seu estudo do *Teeteto*, Heidegger dirá algo aparentemente trivial: que esse diálogo discute o problema do conhecimento. Ora, perguntar “*O que é o conhecimento?*” não é o mesmo que perguntar o que é uma pedra ou o que é um livro, e isso por dois motivos. Primeiramente, porque o conhecimento não ocorre no mundo como pedras ou livros, uma vez que ele não é um dado do contexto. Em segundo lugar, porque aquele que pergunta a seu respeito se encontra imediatamente concernido por ele. Assim, o tema desse diálogo perde toda sua trivialidade, porque se trata da questão, paradoxal, “*Como conhecer o conhecimento?*”. Não temos com isso um “sofisma” ou um jogo meramente formal, mas uma pergunta que evidencia que a medida entra em *questão*. Heidegger dirá a esse respeito que:

Estamos perguntando pelo que é decisivo [pelo que é *maß-gebend*, pelo que dá a medida] [...] Nossa pergunta procura tomar uma medida [*ein Mass zunehmen*]⁶.

A medida não indica mais o caráter diretivo do contexto como *dando a medida* para que a investigação seja conforme (“*angemessen*”) à sua fenomenalidade: ela se encontra a partir de então em questão. O que não quer dizer que a medida será problematizada ou negada, mas se encontrará indelevelmente associada, enquanto questão, à investigação. Com isso, nossa capacidade de medir o *contexto imediato* deixará de constituir o modelo para a compreensão da medida, pois quando ela entra em questão, o mesmo ocorre com *nós*, que medimos. Como resultado, surgirá pela primeira vez na obra de Heidegger a questão *Quem somos nós?* Ele colocará essa questão nesse curso ao perguntar o que justifica nossa pretensão de medir. É verdade que esse é o modo pelo qual “tornamos algo inteligível”, mas de onde vem a medida dessa inteligibilidade? Quem somos nós para que possamos acessar uma medida, e assim, medir?

⁶*Vom Wesen der Wahrheit. Zu Platons Höhlengleichnis und Theätet* (GA 34), p. 156: “Wir fragen nach dem, was dabei und dafür massgebend sei. User Fragen versucht ein Mass zu nehmen: fragend erfragt es das Mass und Gesetzt des Möglichkeit eines Sich-auskennens. Das Fragen ist die Vorbereitung und Ermöglichung einer Gesetzgebung. Was ist das eigentlich, Wissen? heist: worauf kommt es dabei eigentlich an, d. h. wie wir der Mensche, wenn er wissen soll, dabei und dafür in Anspruch genommen?”.

Quem somos nós então? Como chegamos a nos estabelecer como o tribunal que decide sobre o que é e o que não é evidente?⁷

3. *A ausência da questão da medida do habitar no curso sobre “A Germânia”*

Após essas observações preliminares, passaremos finalmente ao estudo da questão da medida do habitar humano. Procuraremos compreender, em primeiro lugar, o que se encontra em jogo no surgimento explícito dessa questão. Deve-se notar que esta não é uma questão própria da filosofia tradicional ou da fenomenologia husserliana, e não é sequer uma questão de Heidegger, mas é o modo pelo qual ele se apropria de uma pergunta poética de Hölderlin. Ela se encontra enunciada ao início da segunda estrofe do poema “No azul adorável”, escrito entre 1822 e 1824. Heidegger discutirá esse poema em quatro textos, primeiramente em seu curso sobre os *Hinos de Hölderlin* “Germânia” e “O Reno”, de 1934-1935, mas nesse primeiro encontro ele não se deterá na pergunta poética sobre a medida com que se inicia a segunda estrofe do poema, pergunta que possui uma resposta negativa:

Há sobre a terra uma medida? Não há nenhuma⁸

Pergunta e resposta serão discutidas apenas a partir do curso seguinte sobre Hölderlin, *O hino de Hölderlin “O Ister”*. Essa pergunta se tornará o ponto central de dois textos bastante posteriores, *Poeticamente habita o homem*, de 1951, e *O habitar do homem*, de 1970. Dissemos no início de nosso estudo que *textos* e *datas* não constituem elementos de prova que permitam estabelecer o sentido da investigação heideggeriana, pois para tanto deve se questionar o que move o pensamento. É por esse motivo que o primeiro texto de Heidegger sobre o poema “No azul adorável” é significativo: pelo que ele não diz. Deveremos, portanto, compreender o sentido da ausência de tratamento da pergunta da segunda estrofe em seu encontro inicial com esse poema no curso de 1934-1935. Vimos que, desde o curso de 1931-1932 sobre o *Teeteto*, a medida se encontrará em questão. Talvez seja essa dificuldade o que explica a ausência de tratamento da pergunta poética de Hölderlin nos textos dessa época que invocam alguns versos do poema “No azul adorável”, como é o caso, por exemplo, da *Introdução à Metafísica*, de

⁷*Ibid*, p. 6: “Wer sind wir denn? Wie kommen wir dazu, uns als den Gerichtshof anzusetzen, der darüber entscheidet, was selbstverständlich ist und was nicht?”.

⁸“Giebt es auf Erden ein Maas? Es giebt / Keines”.

1935, das *Elucidações da poesia de Hölderlin*, de 1936, ou do segundo *Caderno Negro*, de 1938-1939. Nesses textos, o ponto central do poema “No azul adorável” reside em sua primeira estrofe, que descreve a beleza do aparecer em pleno dia, falando da habitação poética do homem e da medida dada por Deus.

A importância dessa primeira estrofe é explicada por algo que Heidegger avança em um parágrafo do *Caderno Negro* de 1938-1939:

O poema de Hölderlin “No azul adorável floresce...” contém em seus 17 primeiros versos minha infância na torre da igreja da pátria Suábia⁹.

A importância dessa nota não reside em evocar memórias pessoais, pois Heidegger não descreve aqui um habitar “puro”, similar àquele perdido em sua infância. A sequência desse parágrafo mostra que esse poema fala, antes, de sua própria investigação. Heidegger dirá que essa situação inicial guardava:

um pensamento matinal [*frühes Denken*], que não conhecia seu para onde¹⁰.

Isso significa que o início da primeira estrofe do poema “No azul adorável” estaria intimamente associado ao início da investigação heideggeriana. Assim sendo, parece que o estudo desse poema não é destinado apenas a esclarecê-lo, mas a se aprofundar em sua própria investigação. Para verificar essa hipótese, procuraremos mostrar o papel preciso que nossas três palavras desempenham em seu encontro com a poesia de Hölderlin. Vejamos primeiramente a noção de *medida*.

Na introdução desse curso, Heidegger insiste sobre a necessidade de encontrarmos a medida da poesia de Hölderlin:

Não queremos tornar Hölderlin conforme [*gemäß*] a nosso tempo, mas o inverso: queremos colocar, nós e aqueles por vir, sob a medida do poeta [*Maß des Dichters*]¹¹.

⁹*Überlegungen B (VII-XI)* (GA 95), § 26, p. 290: “Hölderlins Gedicht ‘In lieblicher Bläue blühet...’ enthält in seinen ersten 17 Versen meine Kindheit um den Kirchturm der schwäbischen Heimat”.

¹⁰*Ibid*, § 26, p. 290: “die alten Türme des nahen Schlosses und die mächtigen Linden seines weiten Gartens — behüteten ein frühes Denken, das sein Wohin nicht kannte”.

¹¹*Hölderlins Hymnen “Germanien” und “Der Rhein”* (GA 39), § 1, p. 4: “Wir wollen nicht Hölderlin unserer Zeit gemäß machen, sondern im Gegenteil: wir wollen uns und die Kommenden unter das Maß des Dichters bringen”.

Heidegger dirá nas “meditações preparatórias” desse curso que, para que possamos nos submeter à medida desse poeta, devemos entrar no domínio de poder da poesia (“*Machtbereich*”). É evidente que não se trata simplesmente de atribuir categoricamente o predicado *poder* à substância *poesia*, mas de sustentar nossa experiência como medida pelo poético. No entanto, toda essa conversa sobre poesia parece sem sentido porque ela não mais possui o poder que teria tido em épocas passadas. Se, como fala Platão, Homero teria sido o educador da Grécia, o que nos forma hoje em dia são antes as ciências e as técnicas. A tese implicitamente sustentada pelas sociedades atuais é justamente a oposta: a poesia é justamente o que não pode estabelecer sua medida. Heidegger é bem consciente desse estado de coisas, mas ele não o atribui a uma insuficiência da poesia frente às ciências e técnicas atuais, mas a uma deficiência radicada na tendência a permanecermos estrangeiros a todo esforço de sustentar a medida. Ora, essa deficiência apenas poderia ser suplantada se questionarmos “*Quem somos nós?*”. Heidegger discutirá então o poema “No azul adorável” para trazer uma indicação essencial a respeito dessa questão:

Cheio de méritos, mas poeticamente habita
 O homem esta terra ¹².

A possibilidade de aceitarmos o esforço de sustentar a medida não depende de méritos pessoais nossos, mas de compreendermos que “nós” já somos desde sempre medidos pela poesia. A princípio, tal abertura à medida estaria disponível a todos. Todos nós, altos ou baixos, jovens ou velhos, europeus ou brasileiros, poderíamos vir a nos colocar essa questão. Hölderlin afirma nessa passagem que é *o homem*, sem nenhum mérito ou distinção, que habita poeticamente esta terra. No entanto, Heidegger interrogará a medida nesse curso a partir de outro poema. Ele a pensará a partir do hino “A Germânia”. Essa deusa não é dedicada a todos; ela se encontra à espera de um povo particular.

Ao pensar o habitar poético evocado no início de “No azul adorável”, Heidegger operará uma restrição por relação a seus destinatários. Por esse motivo, Hölderlin será lido como “o poeta dos alemães”, aquele que canta “o futuro dos alemães”¹³, o

¹² “Voll Verdienst, doch dichterisch wohnt / Der Mensch auf dieser Erde”.

¹³ Hölderlins Hymnen “Germanien” und “Der Rhein” (GA 39), p. 255.

“fundador do Ser dos alemães” [Stifter des deutschen Seyns]¹⁴. Isso significa que as palavras que desenharam o contorno da investigação heideggeriana aparecem em uma configuração particular nesse primeiro estudo do habitar humano. Seu *contexto imediato* é a Alemanha, contexto que se encontra indicado pelo título do hino, assim como pela descrição de suas paisagens, Alpes, nuvens e rios. Com isso, o “nós” passará a significar: “nós alemães”, “nós, povo alemão”. Mas se o *contexto imediato* se encontra assim fixado, isso não significa que já tenhamos acesso ao *contexto originário* da poesia. E por isso Heidegger perguntará: a que alemães Hölderlin se dirige? Aos de sua própria época? Aos contemporâneos de seu curso de 1934? Aos futuros?¹⁵

O poema “No azul adorável” possui um papel decisivo nessa leitura, não apenas por indicar que nosso “quem” não se define por méritos pessoais, mas também por introduzir o contexto originário como distinto do imediato da Alemanha. Ao dizer em sua primeira estrofe que “poeticamente habita / o homem esta terra”, o poema “No azul adorável” nomeia esse contexto como sendo a terra. O retorno continuado ao contexto originário corresponde ao esforço por que *nós, alemães*, não nos definamos por uma Alemanha real, de uma dada época, mas que possamos nos abrir à:

força [*Macht*] da terra, a partir da qual o homem a cada vez, a partir de seu *Dasein* historial, “habita poeticamente”¹⁶.

A tarefa historial que Hölderlin dita aos alemães é a de se questionar acerca de seu *quem*, para com isso se colocar sob a medida da poesia e entrar, com isso, no contexto do habitar poético. Essa tarefa é dirigida a “eles”, aos alemães, mas, com isso, “eles” devem instaurar uma habitação poética na terra em nome de todos.

4. O surgimento da questão sobre a medida do habitar

Antes de passarmos à análise do curso seguinte sobre Hölderlin, é necessário sublinhar algo que talvez tenha passado despercebido na análise deste primeiro curso. A

¹⁴*Ibid*, p. 220.

¹⁵*Ibid*, § 6, p. 49: “Aber dieses ‘uns’ und dieses ‘wir’, von denen da der Dichter spricht, das sind doch die Damaligen, die Deutschen um 1801. Oder gehören die von 1934 auch dazu? Oder meint Hölderlin die Deutschen von 1980? Oder gar jene, die ohne Jahreszahl sind? Nach welcher Zeitrechnung wird denn hier gerechnet, und welche Zeit ist in der Dichtung?”

¹⁶*Ibid*, p. 88: “Heimat — nicht als der bloße Geburtsort, auch nicht als nur vertraute Landschaft, sondern als die Macht der Erde, auf der der Mensch jeweils, je nach seinem geschichtlichen Dasein, ‘dichterisch wohnet’”.

pergunta poética acerca da medida do habitar não foi levada em conta por Heidegger; ela em nada auxiliou na compreensão da medida da poesia de Hölderlin. Isso é surpreendente porque, como vimos em nossa breve passagem pelo curso sobre o *Teeteto* de Platão, a partir de então a medida entrou em questão. Mas, pelo que vimos, isso apenas significou a necessidade de inquirir o contexto originário como o lugar de uma medida que se coloca em descontinuidade com os padrões do contexto imediato da Alemanha. Será apenas no curso seguinte sobre Hölderlin, oito anos após o primeiro, que ele se dirigirá à pergunta da segunda estrofe. Isso terá importantes repercussões porque essa pergunta é tão mais radical por se encontrar associada a uma resposta que nega toda possibilidade de o contexto guardar a medida de nosso habitar. Vejamos então o que ocorrerá quando Heidegger se defrontar com essa impossibilidade.

Temos em grande parte desse segundo curso a mesma situação que no primeiro, pois a Alemanha também aparecerá como o contexto imediato, sendo ela indicada pelo Danúbio, a que Hölderlin se refere por seu nome grego, *Ister*. Será apenas na terceira parte não pronunciada que Heidegger discutirá o poema “No azul adorável”, mas, num primeiro momento, ele ainda se concentrará na sua primeira estrofe. Ele dirá mesmo que esse poema marca uma importante associação entre “O Ister” e a “Germânia”, a qual

permitirá aos alemães saber que lei de sua história foi poetizada para eles e como seu habitar já foi fundado poeticamente¹⁷.

Aparentemente nada teria mudado na leitura de Hölderlin. No entanto, quando Heidegger se dirige à pergunta poética da segunda estrofe do poema, “contexto”, “medida” e “nós” sofrerão um novo abalo. Na “Observação” final deste curso, ele apresentará uma nova leitura de Hölderlin, pois esse poeta não será compreendido como o poeta dos alemães que fora até então, mas como a fala poética dirigida a um homem pertencente a um contexto não mais imediatamente reconhecível. Heidegger dirá a esse respeito algo de decisivo:

Devemos primeiramente abandonar nossas supostas “representações” naturais de supostos rios geograficamente “reais” e os

¹⁷Hölderlins Hymne “Der Ister” (GA 53), § 26 c, p. 202: “vermögen die Deutschen zu wissen, welches Gesetz ihrer Geschichte ihnen gedichtet und wie ihr Wohnen schon dichterisch gegründet ist”.

historiograficamente supostos poetas e homens reais [...] para que entremos no livre, nesse domínio [*Bereich*] que é poético¹⁸.

Isso não significa apenas que não se deve ler um poema de maneira literal, pois essa observação ocorre ao final de um curso, ao longo do qual todas as ressalvas foram feitas no sentido de procurar compreender a poesia a partir de sua medida própria. Na verdade, essa observação dará espaço para a leitura que Heidegger realizará, pela primeira vez, do início da segunda estrofe do poema “No azul adorável...”:

Há sobre a terra uma medida? Não há
nenhuma

Em “*Há sobre a terra uma medida?*”, temos relacionadas as três palavras que descrevem o contorno geral da investigação heideggeriana. Elas se encontram articuladas numa pergunta sobre a existência de uma “medida” que permitisse que a terra fosse o “contexto” de “nosso” habitar. E a resposta a essa pergunta é negativa. Isto é: *Devemos primeiramente abandonar nossas supostas “representações” naturais de supostos rios geograficamente “reais” [...] poetas e homens reais... Devemos abandonar inteiramente toda medida sobre a terra, e nos deixar determinar apenas pela medida da poesia. Pergunta e resposta constituem uma transformação radical no modo pelo qual a medida do habitar poético fora pensada. O que temos é um não dirigido a tudo aquilo que, até então, constituíra o contexto imediato da poesia de Hölderlin. A Alemanha e os alemães não serão mais o ponto de partida do habitar poético. Com esse não, o contexto originário, no qual a poesia de Hölderlin efetua uma fundação poética, não é mais destinado a uma humanidade historial específica, que deveria realizar essa tarefa em nome de todo Ocidente: ele concerne agora a todos.*

5. Conclusão

É importante que se faça uma breve recapitulação da transformação sofrida pela investigação heideggeriana para compreendermos onde ela passará a se mover. Vimos que, nos primeiros cursos, a medida é compreensível a partir da interrogação

¹⁸*Ibid*, p. 205: “Erst müssen wir die angeblich natürlichen ‘Vorstellungen’ von den angeblich geographisch ‘wirklichen’ Strömen und den angeblich historisch wirklichen Dichtern und Menschen verabschieden, erst müssen wir überhaupt die Wirklichkeit dieses Wirklichen als die vermeintlich maßgebende Wahrheit fahren lassen, um in das Freie zu kommen, in dessen Bereich das Dichterische ist.”

fenomenológica do contexto da vida fática, e que, na sequência, se tornará ela mesma uma questão. Com isso, nosso *quem* entrará igualmente em questão. Ora, foi nesse momento que Heidegger realizou sua primeira leitura de Hölderlin. O contexto imediato da Alemanha dirigiu a leitura desse curso de modo a transformar a questão de nosso *quem* em “quem somos nós, alemães?”, e com isso, Hölderlin surgiu como o “fundador do Ser dos alemães”. Na observação final do curso sobre “O Ister”, vimos que o contexto assumiu um caráter geral, e *nós* nos descobrimos idênticos a algo absolutamente não localizado: a humanidade.

Será desse modo que Heidegger passará a compreender a habitação poética. Isso se mostra, por exemplo, em *Poeticamente habita o homem*, de 1951. Nesse texto, ele não mais fará referência ao habitar de um povo específico, mas dirá que:

Acontecendo propriamente o poético, então habita o homem humanamente esta terra¹⁹.

Parece, portanto, que, na sequência de sua obra, o contexto inicial da investigação se encontrará compreendido como uma não-localidade. Isso explica que, em diversos textos, surja, para a investigação, a questão da localidade, do se colocar a caminho, mas isso não significa de modo algum uma tentativa de recuperar em novas bases o contexto imediato da Alemanha. Para compreender essa mudança, é importante levar em consideração uma observação feita em uma nota escrita entre 1943 e 1945:

Nós temos que suportar um peso inteiramente diferente daquele de Hölderlin. Para ele, o retorno natal [*Heimkunft*] ainda era interno aos ocidentais enquanto o caminho dos gregos para os alemães. Hölderlin ainda não supunha, apesar da revolução francesa, o surgimento dessa apatricidade [*Heimatlosigkeit*] que entrementes se tornou a condição fundamental do mundo²⁰.

Não pretendemos concluir nosso estudo com uma tese geral que fixe o sentido da investigação heideggeriana, mas procuraremos indicar a novidade do contexto no qual ela passa a se mover: o contexto imediato sofre uma importante alteração devido ao encontro com a pergunta poética de Hölderlin porque se torna aquele de um mundo

¹⁹*Vorträge und Aufsätze* (GA 07), p. 208: “Ereignet sich das Dichterische, dann wohnt der Mensch menschlich auf dieser Erde”.

²⁰*Zum Ereignis-Denken* (GA 73.1), p. 763, 10. *Heimkunft*: “Wir haben eine ganz andere Last zu tragen als Hölderlin. Ihm ist die Heimkunft noch innerhalb des Abendländischen der Weg von den Griechen nach Germanien. Hölderlin ahnte noch nicht, trotz der französischen Revolution, das Heraufkommen derjenigen Heimatlosigkeit, die inzwischen zum Grundzustand der Welt überhaupt geworden ist.”

técnico. Isso contraria uma ideia geralmente repetida de que Heidegger se opõe radicalmente à técnica. Ela é o tema central de seu pensamento, e não um problema exterior. A técnica não constitui algo a ser superado, mas a ser pensado. Os diversos temas relativos a ela, como o gigantesco, a eliminação de distâncias, o perigo e diversos outros, não constituem problemas a serem dissolvidos pela instauração de um habitar poético “puro”. Isso é impossível, pois o mundo técnico constitui o contexto inicial da investigação, e ela não pode criar ou dissolver o contexto. Antes de dois termos opostos, o mundo técnico e a habitação poética relacionam-se por marcarem os polos extremos e conflitantes que são o início e o fim da investigação.

Referências bibliográficas:

- HEIDEGGER, Martin. *Grundprobleme der Phänomenologie (GA 58, 1919-1920)*. Frankfurt: Klostermann, 1992.
- _____. *Hölderlins Hymne “Der Ister” (GA 53, 1942)*. Frankfurt: Klostermann, 1984.
- _____. *Hölderlins Hymnen “Germanien” und “Der Rhein” (GA 39, 1934-1935)*. Frankfurt: Klostermann, 1980.
- _____. *Platon: Sophistes (GA 19, 1924-1925)*. Frankfurt: Klostermann, 1992.
- _____. *Überlegungen B (VII-XI) (GA 95)*. Frankfurt: Klostermann, 2014.
- _____. *Vom Wesen der Wahrheit. Zu Platons Höhlengleichnis und Theätet (GA 34, 1931-1932)*. Frankfurt: Klostermann, 1988.
- _____. *Vorträge und Aufsätze (GA 07)*. Frankfurt: Klostermann, 2000.
- _____. *Zum Ereignis-Denken (GA 73.1)*. Frankfurt: Klostermann, 2013.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Poesía Completa. Edición Bilingüe*. Madri: Ediciones 29, 1977.